



13º Domingo depois de Pentecostes Próprio 17 (29.08.04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Eclesiástico 10. 7-11;12-18

Escrito em grego, o texto do Eclesiástico é rejeitado pelos judeus conservadores e por grande parte dos cristãos protestantes. Porém, esteve presente juntamente com outros textos dêutero-canônicos nas edições da Bíblia mesmo em países protestantes até o século XIX quando os movimentos conservadores que dominaram as sociedades bíblicas os excluíram. Hoje, porém, podem ser lidos nas edições católicas.

A perícopes se insere numa seqüência de diversos conselhos desde o capítulo sete. São conselhos destinados aos relacionamentos familiares, pessoais, exortações à prudência, à paciência e à sensatez. O texto de hoje está no capítulo que fala dos governantes e dos poderosos e alerta contra o orgulho. O orgulho está muito relacionado ao poder. Quanto mais poder político, mais orgulho. Alguns comentaristas sugerem que o autor esteja se referindo aos conflitos de poder entre os próprios gregos (selêucidas e lágidas). As lutas pelo poder entre os gregos, motivadas pelo orgulho acabaram por minar o seu império. Nessa perspectiva, o sábio, representante de um povo dominado e exilado, reflete pacientemente sobre a situação histórica e dela tenta tirar ensinamentos para seu povo: por mais poderoso que seja, a pessoa está suscetível a uma doença incurável (v.11) e a herança pela qual tanto lutou na terra, será na verdade os vermes que o encontrarão na sepultura (v.12).

O texto então é um grande alerta contra o pecado do orgulho ou da hybris e a afirmação sábia daqueles que, mesmo dominados, confiam e sabem que Deus derruba do trono os poderosos e exalta os humildes (v.14-15). (CEBC).

2ª leitura - Hebreus 13.1-8

A história da Igreja mostra o exemplo de inúmeras pessoas que foram apontadas como exemplos de fé, mas que, na realidade, viviam muito aquém daquela vida que Deus pede de seus filhos. Neste último capítulo de Hebreus, o autor nos despede apelando para os desdobramentos práticos de nossa fé em Deus. O que particularmente acho interessante é que o autor encerre este livro de que fala de perseverança e de fé escrevendo sobre o amor. É como se ele estivesse tentando dizer que toda a perseverança na verdadeira fé não fosse superior a uma vida de amor. Quando pensamos em uma relação entre estes temas, imediatamente me vêm a mente o seguinte tema: os gestos concretos de amor daquele que crê.

Neste texto descobrimos em primeiro lugar que os gestos concretos de amor daquele que tem fé em Jesus deve sempre atingir os outros. (13:1, 2) Quando voltamos nossos olhos para os primeiros versículos deste capítulo, imediatamente nos vemos diante de algumas pessoas que tipificam aqueles que precisam de ajuda. Encabeçando a lista vemos os viajantes, que estavam sempre à mercê dos malfeitores e assaltantes que espreitavam nos caminhos estreitos e perigosos do mundo da



época. Muitas vezes estes homens e mulheres dormiam ao relento sem qualquer proteção. Para o autor da Epístola, os cristãos devem ser caracterizados pela hospitalidade. O amor do cristão deve fazer com que eles sejam capazes de abrir sua casa para receber os cansados e sobrecarregados do caminho. Afinal, diz o texto, alguns sem saber hospedaram anjos, ou seja, mensageiros de Deus. Depois dos viajantes o autor lembra dos encarcerados. Devemos nos lembrar dos encarcerados, como se estivéssemos presos com ele. O mesmo ele diz sobre os maltratados. Devemos nos lembrar destes como se nós também fôssemos maltratados com eles. Este sentimento de *empatia*, ou seja, de “sentir a mesma dor do outro” deve acompanhar o cristão. Não podemos dizer que cremos se nossa crença não se traduz em gestos concretos de amor pelos mais sofridos de nossa sociedade.

Em segundo lugar, o objeto do amor do fiel deve se estender ao seu cônjuge (13:4). Alguém já disse que amar os de fora é mais fácil que dar atenção aos de casa. Muitas mulheres e maridos reclamam que seus cônjuges dão mais atenção aos problemas do trabalho que a eles. Muitos filhos reclamam que seus pais jamais têm tempo para lhes dedicarem atenção. Mas este texto não fala só de atenção, fala de fidelidade e de mácula. Quando ouvimos falar em fidelidade imediatamente nos lembramos do adultério, algo que realmente deve ser evitado. Mas quando se fala aqui de “leito sem mácula”, também podemos citar da violência a que tantas mulheres são submetidas diariamente. Estas agressões que ferem o corpo também destroem a alma e a confiança dos cônjuges. O surpreendente é que muitos dos que freqüentam nossas igrejas são agressores – com gestos e palavras – de seus cônjuges e de seus filhos. É preciso que a fé mude nossos relacionamentos. Não é certo aquela antiga estória de que uma senhora procurou o padre de sua paróquia e disse que estava disposta a vir morar na igreja. Perguntada sobre o porque, pelo padre, ela respondeu: porque aqui meu marido é um santo!

Finalmente, a ação de amor do que crê deve sempre resistir à tentação do dinheiro. (13: 5, 6)

Nossa relação com o dinheiro se tornou algo crucial para a espiritualidade sã nos dias de hoje. Hoje o dinheiro se tornou um fim em si mesmo. Ele é o responsável pela formação de um novo tipo de idolatria. Aliás, Paulo já dizia que o amor ao dinheiro era a raiz de todos os males. Ter dinheiro é ter *status*, é ser reconhecido na rua, é ter sucesso. O dinheiro e o sistema que dá sustentação a sua adoração exigem a morte de milhares de pessoas diariamente para que o “mercado” continue tranqüilo. É como se déssemos ao mercado o *status* de um ser que pensa, que fica nervoso, que se acalma, etc. Pois bem, segundo este texto, o autor nos ensina o contentamento com o que temos. Isto não significa que ele está ensinando sobre a manutenção de nosso *status quo* econômico, o que ele está combatendo é uma atitude mental de obsessão pelo lucro e pelo poder. E porque não devemos ter esta obsessão pelo dinheiro? A resposta vem do texto seguinte: porque o Senhor de forma alguma nos abandona e sempre será nosso auxílio. (v. 5, 6) Ele é nossa confiança, com ou sem dinheiro.

O verso 8 deste texto nos diz que Jesus Cristo é o mesmo hoje, ontem e eternamente. Esta palavra, que vem logo após estas considerações sobre a prática do amor, quer nos fazer ver que ele, sendo o mesmo, ainda hoje, continua esperando que seus filhos cumpram a sua vontade e amem ao próximo, ao seu conjuge e



abominem ao dinheiro. É porque ele é o mesmo que as mesmas exigências se impõem. Que ele nos ajude a ter uma fé operosa e um amor abnegado (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 14.1, 7-14.

O trecho escolhido faz parte da viagem de Jesus com os discípulos para Jerusalém. O cenário é a mesa, (vs.1), que reúne a narrativa da cura (14.1ss.), os dizeres sobre a humildade e acolhida (vs.7-14) e o grande banquete(vs.15-24). A mesa faz parte da "cerimônia" ou "instituição" como sábado. A mesa como cerimônia é comum a muitos povos. Vejam colunas sociais e o seu equivalente na TV. Quem sentou-se à mesa com quem, o que foi servido, os talheres, vinhos, as modas presentes, grifes, etc e observação atenta dos convivas por parte de alguns. Trata-se de estilo de vida, de comportamento social "formados" pelo reinado de Deus ou por outros reinados como o de Mamona. Em poucas palavras, a companhia exclusiva organiza a mesa exclusiva e a companhia inclusiva, de modo inverso.

Os vs 2 a 6 correspondem a 13.10ss.- a cura de uma enferma. Em poucas palavras, o Evangelho ilumina a instituição como o sábado. É a prioridade do Evangelho da vida em comunhão sobre a lei as instituições e estas devem servir ao Evangelho. Ao contrário, pura observação da lei e, muitas vezes, da letra da lei, torna-se legalismo.

Vs7ss. Fazendo o uso da "cerimônia" S.Lucas fala no comportamento social dos que pertencem ao reinado de Deus em contraste com os que buscam "status". Esse parece ser o ponto a ser destacado. Trata-se da libertação da ânsia pelo status, da necessidade de sempre estar na frente, estar em evidência. Por outro lado, o apego à letra da parábola pode cair num comportamento inadequado. Por exemplo, muita gente não quer assumir o lugar nas primeiras fileiras na Igreja e deixam vazias as primeiras fileiras e isso não contribui para o exercício vivo da liturgia.

Vs 12ss. Em vários pontos S.Lucas gosta de apresentar as personagens, acontecimentos na narrativa evangélica em pares ou na forma de complementação. Nos versos 7ss Jesus se dirige aos convidados. Agora as palavras são dirigidas aos anfitriões.

O que está atrás da advertência de Jesus é o seu discurso programático na sinagoga de Nazaré no cap.quatro. A implicação disso foi extinção da demarcação dos puros e impuros, homens e mulheres (destinadas a não ter espaço de exercício religioso).O ponto central está no comportamento movido pelo amor, generosidade e solidariedade, (ver Hb 13.2). O que se faz por amor não se escandaliza com a ausência da recompensa ou com ingratidão.

Na antigüidade, o banquete tinha de ter reciprocidade. Os convidados à Mesa do Senhor são os que não podem retribuir. A resposta é a ação de graças. É uma hospitalidade radical.

Na epístola de hoje ouvimos a exortação para não negligenciar a hospitalidade.No Evangelho diz aos convidados alguma coisa revolucionária: pois todo



Centro de Estudos Anglicanos



o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado. Aqui se liga com a leitura do Eclesiástico. Essa hospitalidade e inversão radicais dos valores adquirem o seu sentido, à luz do reinado de Deus. (ST).